ALICE MODERNO

NA VESPERA DA INCURSÃO

PEÇA EM UM ACTO

PONTA DELGADA
Typ. editora A. Moderno
Rua da Fonte Velha, 34 e 36
1913

NA VESPERA DA INCURSÃO

A Sua Excellencia,

O Senhor Doutor Antonio Joaquim de Sousa Junior

Summidade scientifica consagrada nos centros mundiaes,

Açoriano dos que mais alto levantam, no continente da Republica, o nome do Archipelago,

1.º Ministro da Instrucção Publica,

Offerece

Ponta Delgada,
1.º de novembro de 1913

Alice Moderno

ACTO UNICO

PERSONAGENS DA PEÇA:

Condessa de Santo Estevão
proprietaria

Fernando de Cerqueira
advogado, jornalista e deputado republicano

Margarida de Aboim de Nobrega
afilhada e herdeira da Condessa

Marquez de Alcanede
proprietario

Pedro de Nobrega
tenente de cavallaria

Baroneza da Felgueira
ex-camarista do paço da Ajuda

Conselheiro Dias de Andrade
juiz da Relação de Lisboa

João
velho criado

LISBOA—ACTUALIDADE

ACTO UNICO

A scena representa uma sala, severa e luxuosamente mobiliada: Moveis de pau santo torneados, estofos de damasco amarello, jarrões indianos, reposteiros, lustres em crystal de Veneza, retratos de familia, varios espelhos, obras de arte, pequenos vasos de crystal e porcelana artisticamente dispostos com flores da estação, etc., etc.

Scena I

Junto a uma pequena meza, a condessa de Santo Estevão lê «L' ILLUSTRATION.» Sobre a mesma mesa veem-se alguns livros, brochuras, revistas, etc. Num dos primeiros, indica a altura da leitura uma faca de cortar papel, de oiro, artisticamente cinzelada. A condessa veste de setim liberty preto. Gola e punhos de renda de Bruxellas. Solitarios nas orelhas, alfinete e aneis antigos de grande valor. Cerca de um minuto depois de levantar o panno, consulta o relogio de banca, em porcelana de Sèvres. Precisamente nessa occasião, ouve-se o ruido distante de uma campainha electrica e entra um criado velho, de libré.

JOÃO (criado)

A senhora D. Margarida de Aboim procura a V. Ex.ª.

CONDESSA

Mande entrar, João.

(O criado abre novamente a porta e introduz Margarida, que se dirige para a Condessa, a quem beija a mão e abraça em seguida affectuosamente).

Scena II

MARGARIDA

Venho cedo, muito cedo, para fazer companhia á Madrinha, emquanto não chegam os outros convidados.

CONDESSA

Fizeste muito bem, minha filha. Sabes que a sociedade da gente nova remoça um pouco os velhos. E' como um dia de sol no mez de dezembro... Como está o teu marido?

MARGARIDA (ironica)

Tem cada vez menos fastio.

CONDESSA

Antes assim. Ter bom appetite é synonimo de boa saude, consciencia tranquilla, espirito despreoccupado... E a menina, como vae passando? *(põe lhe as mãos nos hombros e analysa-a demoradamente, fitando-a com immenso affecto.)* A menina não es-

tá muito boa. Anda pallida, tem olheiras, labios descorados, modos desprendidos... Sabes o que te falta, Margarida? Falta-te um filho... um filho que não tens, apesar dos teus seis annos de casada!

MARGARIDA (encolhendo os hombros)

Ora! A Madrinha tambem não os tem, e não vejo que se tenha dado muito mal com isso.

CONDESSA

Pois enganas-te redondamente, minha filha! Desde o primeiro anno do meu casamento, no segredo do meu quarto, lamentei a esterilidade das minhas entranhas. Ter um filho e uma filha foi sempre o mais querido dos meus sonhos, o mais querido, e, infelizmente, o unico irrealisado! Não sabias d'este meu desgosto, e não admira. Adoptei sempre o systema de não importunar os outros com os dissabores proprios. E nem ao meu marido revelei nunca este espinho de alma, de que elle tambem soffreu e que, como eu, calava de si para comsigo, para me não mortificar ainda mais. Quando o Conde morreu, ha dez annos, foi ainda maior o

meu isolamento, neste palacio soturno, onde poderiam já cascalhar as risadas crystalinas de tantos netos... Mas, que se lhe ha de fazer? Deus não quiz! (*leva rapidamente o lenço de rendas aos olhos, tentando sorrir*) Mas voltemos ao teu caso. Não chamaste medico?

MARGARIDA

Para quê, Madrinha? De mais sei eu o que tenho, e a minha doença pertence ao numero das que se não curam com especificos pharmaceuticos.

CONDESSA

E... o teu marido? Não vem?

MARGARIDA

Sahiu, como costuma, para o quartel, e ha de vir jantar ás 7 horas. O Pedro é um grande admirador do cozinheiro da Madrinha...

CONDESSA

No que muito lisonjeia os meus brios de perfeita dona de casa. Mas o que vejo, Margarida, é que estás sendo bastante injusta para com teu marido. E se não

tens mais nada de que o accuses, a não ser o apreço que dá a um bom jantar, acredita que poucas pessoas conseguirão ser absolvidas no teu tribunal.

MARGARIDA (levantando-se)

Que, quer, Madrinha? Existe entre nós uma absoluta incompatibilidade de genios. Os nossos feitios são diametralmente oppostos, e, d'ahi, o não conseguirmos trocar uma idêa sem nos irritarmos reciprocamente. As minhas idêas, os meus gostos, fazem-no rir; os d'elle, esses... dão-me vontade de chorar. E queria a Madrinha que tivessemos um filho?! Um filho para quê? Pobre creança! Nascida e criada num lar onde ninguem se entende, onde ninguem se sente á vontade. E se elle se parecesse com o pae?... Que horror! Eu era muito capaz de o não poder tolerar...

CONDESSA (com severidade)

Margarida!

MARGARIDA

Que quer, Madrinha, eu com alguem havia de, um dia, ao menos, desabafar. Dá-me licença que vá ao seu quarto de

vestir tirar o chapeu e concertar o cabello? (*sae*).

Scena III

(A Condessa segue-a com os olhos, ficando visivèlmente preoccupada. Ao ficar só, passa a mão pela testa, num gesto habitual, abrindo de novo L'ILLUSTRATION que percorre distrahidamente).

JOÃO (annunciando)

Os senhores marquez de Alcanede e dr. Fernando de Cerqueira.

Scena IV

(Os convivas annunciados entram, trajando casaca, botas de verniz, gravata branca e flor na lapella. Acercam-se da condessa, a quem beijam a mão).

MARQUEZ DE ALCANEDE

Venho antes da hora marcada, esperando que V. Ex.ª, além de me desculpar, me dará o prazer de me mostrar as suas orchideas. Como sabe, cada doido com a sua mania...

CONDESSA

Obrigada pelo cumprimento, Marquez.

MARQUEZ

Não era a V. Ex.ª que eu me referia, era exclusivamente a mim. Nas senhoras,

o culto pelas flores não é nem podia ser mania... E' uma demonstração de espirito de classe. . .

FERNANDO

Eu, sr.ª Condessa, tomei a liberdade de vir tambem mais cedo, acceitando o favor do sr. Marquez, que me offereceu um logar no seu *coupé*. Quanto a V. Ex.ª (*vira-se para o marquez*) permitta-me que o felicite pela propridade do seu madrigal. Julgar-me-hia bem feliz se pudesse e soubesse burilar phrases «ancien régime» no genero da sua. Mas o progresso, sob esse ponto de vista, é inesthetico. Assim como os caminhos de ferro prejudicam o pittoresco e a poesia das estradas, enchendo-as de ruido e fumo, o «struggle for life», reduzindo as relações inter-sociaes a uma formula algebrica, tirou á conversação o seu maior encanto.

CONDESSA

Imagina o sr. Cerqueira que o acreditamos? O senhor, um republicano, um livre-pensador, um mata-frades, a fazer o elogio do «ancien régime!» Isso é bom para os velhos, como o Marquez e como eu, que, com as nossas velharias, nos sen-

timos deslocados neste mundo tão novo e tão... tão «sans culottes»...

FERNANDO

Senhora Condessa, é verdade que os republicanos como eu prestam culto especial á sublime trilogia denominada Liberdade, Igualdade e Fraternidade: Liberdade de pensar, Igualdade de direitos, Fraternidade absoluta. Sim, para que negal-o? Detestamos o direito divino, o privilegio do berço, a indissolubilidade do casamento, o fanatismo que deprime e obseca, e...e muitas outras prepotencias, que não enumerarei, porque não estamos em comicio, nem V. Ex.as estariam dispostos a aturar-me. Mas, creiam, nem por isso apreciam menos o que o passado tem de respeitavel nas suas glorias e tradicções. E uma qualidade teem V. Ex.as, (entre muitas outras, está claro) que eu desejaria, poder transportar para as camadas demagogicas... —E' a superioridade de educação das classes nobres. Sim, em materia de educação, não ha ninguem mais aristocrata do que eu! E' por isso que, sempre que descanço da lucta de ideias em que por

vocação me embrenhei, venho procurar um oásis na companhia de V ·Ex.as, em cujo convivio palaciano encontro um meio em harmonia com as minhas mais intimas aspirações. Como Alfred de Vigny: «aprazme que um homem dos nossos dias tenha, simultaneamente, com um caracter republicano, a linguagem e as maneiras polidas de um homem de corte.» Todavia, porque existem Condessas adoraveis, de quem se desejaria ser eternamente o mais humilde escravo, e se encontram, uma vez por outra, Marquezes de «vieille roche», authenticamente «grands-seigneurs», assim nos actos como nos pergaminhos, não se podia exigir que um agrupamento de cinco milhões de individuos suffocasse as suas mais legitimas aspirações sob a pressão de um regimen falto de logica e de moralidade, e cujos processos governativos tinham como ideal supremo o entravar a roda do Progresso.

CONDESSA

Já sabemos que tem o habito de fallar em publico... Quanto a madrigaes vejo, (o que até parece incrivel!) que tambem os senhores republicanos os sabem fazer...

FERNANDO (cumprimentando)

Quando têm a felicidade de serem discipulos de V. Ex.ª.

Scena V

(Os mesmos e Margarida)

MARQUEZ (beijando a mão a Margarida)

Ora aqui está uma margarida pela qual eu era muito capaz de me esquecer das minhas orchideas e até das da sr.ª Condessa...

FERNANDO (beijando tambem a mão de Margarida)

Sou o mais leal de todos os criados de V. Ex.ª.

CONDESSA

Chegas a proposito, minha filha! Iamos agora mesmo descer ao parque. O Marquez deseja ver a minha collecção de orchideas.

MARGARIDA

E eu acompanhal-os-hei com muito gosto.

(O marquez offerece o braço á Condessa e saem, seguidos de Margarida, que tambem acceitou o braço de Fernando).

Scena VI

JOÃO (só)

(Entra João, que endireita os livros e jornaes, abre o piano de Erard, etc., preparando a sala para o sarau da noite. Sae fechando a porta. Decorrem alguns minutos, apoz os quaes entram Margarida e Fernando).

Scena VII

(Margarida e Fernando)

MARGARIDA (sentando-se n'um canapé)

Não sei, na realidade, porque foi que desejou encontrar-se a sós comigo. Não temos nada que dizer um ao outro.

FERNANDO (de pé)

Engana-se, Margarida, e a propria inflexão da sua voz desmente as suas palavras. Temos muito que nos dizer... (*com meiguice*). Eu, pelo menos, tenho muito que lhe dizer a si. E talvez tenha, afinal, razão. Que poderão dizer-lhe os meus labios que os meus olhos lhe não tenham já dito e repetido milhares de vezes? (*Margarida perturba se*). Oh! por piedade, não devie os olhos, os seus olhos, esses olhos como outros não ha... Não procure tambem representar a comedia da indifferença... E saiba uma vez por todas que não poderá illudir-me. Imagina

acaso que os seus olhares, que a sua voz a não trahiram, a seu pezar? Pois suppõe que o meu sobresalto, quando a vejo e a saúdo, não encontra écho na sua adoravel perturbação? Pois não sabe que, no dia seguinte a um d'estes nossos encontros, realisados ao acaso das mesmas relações sociaes, não vejo, nos seus olhos pisados, na pallidez das suas faces, na tristeza do seu sorriso, na leve tremulencia da sua inegualavel voz, que passou, como eu, uma noite de insomnia, pensando em mim, amando-me, desejando-me, como eu em si penso, como a amo e como a desejo?! (*sentando-se junto d'ella*) Para que negal-o? Para que reagir? Para que luctar? E' a fatalidade, talvez, que nos impelle um para o outro. Embora! E abençoada fatalidade esta, Margarida! Eu amo-te, tu amas-me, amamo-nos, e eis tudo! (*contempla-a com embriaguez e, irresistivelmente, cinge-a nos braços. Com voz tremula*) Margarida! Margarida! minha adorada Margarida...

MARGARIDA (apoiando a cabeça ao hombro de Fernando)

Fernando! meu querido, meu adorado Fernando! (*Os labios dos dois unem-se num demorado beijo. Voltando a si*) Mas este amor,

Fernando, é uma loucura... Para não dizer... um crime.

FERNANDO

Não, Margarida, não é um crime; nenhum de nós é criminoso, crê. Que culpa temos de nos termos encontrado muito tarde, quando, illudida por apparencias falsissimas, havias contrahido laços esponsalicios? Amamo-nos acaso voluntariamente? Não nasceu em nós esta paixão, bem a nosso pesar? Não tentamos luctar? Não temos sido tão desgraçados? Ah! Se crime houvesse, bem expiado teria já sido, e este primeiro beijo, que me enlouquece, que me torna ao mesmo tempo mais altivo que um rei perante os outros homens e mais humilde que um escravo perante os teus caprichos, este beijo, tão loucamente desejado, tão divinamente saboreado, tão religiosamente lembrado, recebeu, com bastante antecipação, o baptismo das lagrimas. E essas lagrimas, as que eu sei que choraste, meu amor, queimam-me o coração como se fossem um liquido corrosivo applicado sobre uma chaga! Porque é na verdade abominavel a situação de um homem que,

acorrentado a miseraveis convenções sociaes, vê soffrer a mulher sobre tudo amada e não pode minorar-lhe o soffrimento...

MARGARIDA

E que soffrimento, meu amigo! Nem tu podes calcular. Ter de sorrir quando a maior felicidade seria chorar, chorar de pesar, chorar de saudades... Ter de afivelar ao rosto uma mascara de ferro. Dissimular, dissimular sempre! Sustentar que se não tem empenho em ir a esta ou áquella festa, quando a verdade é que se anceia febrilmente por essa ida, de que, em absoluto, depende o encontro apparentemente casual com o homem loucamente amado. Deve ser assim o anceio das aves, quando, barbaramente engaioladas, despedaçam as azitas contra as paredes do carcere... (*limpa os olhos*). Nós, as mulheres, somos bem mais infelizes, crê. E depois, o receio das consequencias, a lembrança do que devemos a nós proprias, ao homem que nos escolheu, ao nome do nosso pae, sempre tão carinhoso, á memoria da nossa mãe, sempre tão virtuosa, á sociedade em que vivemos e onde temos o logar que nos cabe... e não

queremos perder. Ah! Para que havemos nós de ter um coração sensivel?! Porque não sabemos nós resistir á voz do amor?!

FERNANDO

Porquê? Porque o amor é a lei suprema perante a qual todos temos de acurvar a cerviz. Tu amas-me, eu amo-te, e nisto está tudo, Margarida! (*Leva aos labios as mãos de Margarida, que cobre de beijos*) Mas, querida, o tempo urge e é mister aproveital-o. Necessitamos ver-nos longamente, falar-nos sem testemunhas. Por acaso, um amigo meu, ausente de Lisboa por alguns mezes, confiou-me a chave do seu domicilio, ao tempo deshabitado. E' na rua Nova do Carmo n.º 29, 1.º. Amanhã esperar-te-hei lá ás duas horas. Não faltarás, não é verdade, Margarida?

MARGARIDA

E se alguem souber deste nosso encontro?

FERNANDO (gravemente)

Eu, Margarida, tomo sempre a responsabilidade de todos os meus actos... Todavia, descança, não poderão sabel-o. Na mesma casa, no 3.º andar, reside uma

modista, o que explicaria, se tanto fosse mister, a entrada, no predio, de qualquer senhora. Eu irei muito antes da hora marcada e sahirei muito depois de ti.

MARGARIDA (rememorando)

Rua Nova do Carmo...29...1.° andar?

FERNANDO

Precisamente. E's um anjo!

MARGARIDA

E tu... (*sorrindo*) és um demonio!...

FERNANDO

Que te adora com toda a sinceridade que pode caber num peito de homem... Mas a senhora Condessa e o Marquez devem ter concluido a classificação das orchideas e não tardarão ahi...

MARGARIDA

Comprehendo. Vamos compor o scenario. (*com um movimento de tédio*) Que horror de vida! (*contém se e senta-se ao piano, começando a executar a sonata de Beethóven op. 111. (Dem Erzherzog Rudolph gewidmet*).

Scena VIII

(Os mesmos, a Condessa e o Marquez, que entram silenciosamente, sentando-se a ouvir o piano. Margarida conclue a execução da peça e volta-se, imprimindo ao banco um movimento de rotação).

MARQUEZ (maliciosamente)

Não sou eu só que prefiro as margaridas ás orchideas...

FERNANDO (dissimulando)

Confessar-lhe-hei, senhor Marquez, que meu espirito sympathisa mais com a musica do que com a botanica. Admiro certamente Linneu; mas comprehendo muito melhor Beethoven.

CONDESSA

Os poetas e os compositores musicais, na sua qualidade de irmãos gemeos, entendem-se muito bem...

FERNANDO

Desejaria poder corresponder ao elogio de V. Ex.ª... *(olhando para Margarida)* Se eu fosse, com effeito, o poeta que almejaria ser, todos os meus poemas teriam como assumpto a divinisação da mulher...

CONDESSA (com certa intenção)

Ha uma cousa de que a mulher carece ainda mais, sr. Fernando de Cerqueira, é a de ser integralmente respeitada...

FERNANDO (gravemente)

Nenhum homem que se prése será capaz de o olvidar, senhora Condessa!

Scena IX

(Os mesmos e João)

JOÃO (annunciando)

A senhora baroneza de Felgueira, o sr. conselheiro Dias de Andrade, o sr. tenente Pedro de Nobrega.

Scena X

(Os mesmos e as visitas annunciadas. Estas cumprimentam os circumstantes, começando pela Condessa a quem a Baroneza beija o rosto e os cavalheiros a mão).

CONSELHEIRO (sentando-se)

Então, já sabem a grande novidade? E' do dominio publico a incursão monarchica.

MARQUEZ

Era de esperar que n'esta altura fosse descoberto o «complot». Já não ha gente

entre nós ! *(voltando-se para Fernando)* Que faz o governo, senhor Deputado?

FERNANDO

Concentra forças na fronteira, naturalmente, senhor Marquez, forças que saberão repelir os inimigos externos. Quanto aos internos, hão de ser presos, e terão de responder pela sua vil acção . . .

PEDRO

Seguem amanhã para Chaves varias forças. Eu, por exemplo, acabo de receber guia de marcha e parto de madrugada, com uma subdivisão do meu regimento.

(Margarida e Fernando trocam n'esta altura um olhar que a Condessa surprehende n'um espelho).

MARQUEZ (reprehensivo)

Então o nosso Tenente lá vae combater as forças realistas que pretendem restaurar no throno o Senhor D. Manuel? *(levanta-se ao pronunciar o nome do ex-rei).*

PEDRO

Sou um soldado portuguez, que vae para onde o Governo do seu paiz o manda, senhor Marquez.

FERNANDO

Os incursores—seja qual fôr a bandeira que desfraldem—são traidores á Patria. Defender a integridade do solo é dever de todo o patriota. O Sr. D. Manoel de Bragança (desculpem-me Vossas Excellencias, se offendo os seus principios, mas não fui eu que trouxe a politica para a tela da discussão) militarmente fallando, é um desertor, como chefe de estado, nada mais fez do que attestar a sua absoluta incompetencia, e, como homem, é um exemplar estragado pela hereditariedade, pela educação e pelo meio.

CONDESSA (interrompendo)

E a sua demora será longa, sr. Tenente?

PEDRO

Não me é possivel responder á pergunta de V. Ex.ª, senhora Condessa. O soldado não é um homem: é uma unidade, um automato. Voltaremos dentro em breve? Durará a defesa da fronteira alguns mezes? Perderá algum de nós a vida? Quem póde sabêl-o?!

(Margarida e Fernando olham-se novamente. No espelho revelador, a Condessa estuda os movimentos de ambos).

CONDESSA

N'este caso, sr. Nobrega, tenho um favor a pedir-lhe.

PEDRO

Os pedidos de V. Ex.ª são ordens para mim.

CONDESSA

O meu medico acaba de receitar-me uma estação em Vichy. Eu hesitava, custando-me a ir só, com dois dos meus velhos criados. Ha pouco, convidei Margarida para me acompanhar, e ella annuiu de bom grado. (*Movimento de Margarida, que a Condessa suspende com um olhar*) Faltava apenas a sancção do sr. tenente, que faria decerto grande sacrificio em se privar da companhia de sua esposa. (*Gesto de Pedro, que a Condessa tambem suspende*). Hoje, porém, que V. Ex.ª, na qualidade de official do exercito, segue para a fronteira, em defesa das Instituições vigentes, pode sua esposa ausentar-se de Lisboa sem maior sacrificio para os dois, visto que, infelizmente, as condições em que é feita esta campanha não lhe permittem acompanhar o seu marido, como seria decerto o seu maior desejo.

(Margarida encara de frente a Condessa, n'um movimento de revolta, mas baixa em seguida os olhos).

PEDRO

Margarida, senhora Condessa, é absolutamente livre... Alem de que não poderia ir melhor do que em companhia de V. Ex.ª, que lhe tem sido sempre tão dedicada e boa.

CONDESSA

Então, Margarida, está combinado? Amanhã depois da partida de teu marido, vens ajudar a tua velha madrinha a fazer os seus preparativos de viagem. E, á tarde, partimos no «Sud-Express». (*Voltando-se para os circumstantes*). Desculpem V. Ex.ªs, meus senhores, esta pequena combinação em familia. Sou uma pobre doente, e, como todos que o são, uma grande egoista, que se occupa principalmente do seu bem-estar...

BARONEZA DA FELGUEIRA

Faz muito bem, Condessa, em sahir d'esta abominavel Lisboa. Isto já não é terra em que se viva, desde que se implantou a republica e Suas Majestades tiveram de partir para o exilio. Que saudades tenho da Côrte! E que tristeza me

faz, quando vou passear ao Campo Grande, não encontrar a carruagem da Senhora D. Maria Pia nem o automovel do Senhor Infante D. Affonso. (*Inclina-se ao pronunciar estes nomes*). (*Suspirando*) Ah! Mas atraz de tempo, tempo vem, e o futuro pertence aos que sabem esperar.

Scena XI

(*Os mesmos e João*)

JOÃO (annunciando)

A senhora Condessa está servida.

CONDESSA (levantando-se)

Meus senhores, queiram dirigir-se á sala de jantar. Acontece, por acaso, que esta refeição, simplesmente amistosa, representa um jantar de despedida. Minha afilhada e eu ficaremos no estrangeiro até que o marido d'esta possa reunir-se comnosco, a fim de nos acompanhar no nosso regresso a Lisboa. Sr. Dr. Cerqueira, quer dar-me o braço para passar ao quarto de jantar?

FERNANDO (cumprimentando)

Eu, minha Senhora, agradeço a V. Ex.ª a altissima honra que me confere. (*Offerece-lhe o braço*).

(Pedro offerece o braço á Baroneza da Felgueira, Margarida dá o braço ao Marquez, segue-os o Conselheiro Dias de Andrade. A Condessa, apoiada ao braço de Fernando, deixa sahir os convidados, vindo em seguida com elle para a bocca da scena).

Scena XII

(Condessa e Fernando)

CONDESSA

Sr. Dr. Fernando de Cerqueira: Amanhã, das 6 horas da manhã em diante, estará a minha afilhada sob a minha protecção...

FERNANDO

Senhora Condessa de Santo Estevão, confessarei a V. Ex.ª que não a comprehendo. (*Ironicamente*) Algum perigo ameaçará acaso a gentilissima afilhada de V. Ex.ª ?

CONDESSA

Sim, um grande perigo. O maior de todos: o de faltar aos seus deveres de mulher casada. E agora que me comprehendeu, queira conduzir-me á sala de jantar.

FERNANDO (suffocando impetos de impaciencia)

Mas, minha Senhora, confessar-lhe-hei que continúo a não comprehender V. Ex.ª... Já ha annos que a lei me reco-

nhece o direito da propria autonomia, direito que não me sinto com disposição de abdicar. . .

CONDESSA

Senhor Dr. Fernando de Cerqueira, peço licença para lhe lembrar que algum direito me assiste, n'esta intervenção, que assim acaba de classificar de inopportuna. Ora vejamos:

1.º—Foi n'esta sua casa, para a qual, seduzida pela sua intelligencia e captivada pela sua boa educação, tão rara, mesmo entre os fidalgos, na epoca que atravessamos, o convidei a vir familiarmente (do que ainda me não arrependi), que o senhor Dr. Cerqueira encontrou pela primeira vez a minha afilhada, cujo marido conhecera na infancia, é verdade; mas a quem perdera de vista.

FERNANDO

Mas, por Deus, minha Senhora, que tenho eu com a afilhada de V. Ex.ª?

CONDESSA (continuando)

2.º—Foi aqui que o senhor principiou a fazer-lhe a côrte. . .

FERNANDO (impaciente)

Todos os homens de espirito, senhora Condessa, fazem a côrte ás senhoras, quando são bonitas como a senhora D. Margarida e espirituosas como V. Ex.ª.

CONDESSA

Concordarei, talvez, quanto á primeira parte; mas os mesmos homens de espirito, se teem, alem d'este, um pouco de coração, não compromettem as mulheres casadas, quando são honestas. O senhor é um rapaz novo, intelligente, enthusiasta, e a quem seduziu a perspectiva de um adulterio elegante...

FERNANDO (indignado)

Minha Senhora!

CONDESSA (com intimativa)

Deixe-me fallar. Olhe que podia ser sua mãe, e algum privilegio havemos nós, pobres velhos, de ter... Eu tambem fui nova e fui casada e, (para que negal-o?) nem sempre o meu marido se me apresentou com privilegios de heroe de novella. Tambem não me faltou, uma vez por outra, quem me fizesse a côrte, avan-

tajando-se ao Conde, muitas vezes preoccupado com a politica, em requintes de amabilidade. Eu, porém, tive sempre grande repugnancia por essa immundicie social que se chama o adulterio, tão criminosa que todos os codigos a preveem, em que cada beijo trocado representa «a prova material d'uma traição» e,assim, deixei-me ficar mulher honesta, do que até hoje ainda me não arrependi. Por isso tenho a pretensão de que a minha sobrinha e afilhada, que já não tem mãe, e em cujas veias circula o meu sangue, siga as mesmas pisadas e obedeça ás mesmas tradições. Que tem o senhor a contestarme?

FERNANDO (nervosamente)

V. Ex.ª, minha senhora, está em sua casa e póde dizer o que quizer.

CONDESSA (sorrindo)

Alem de que... tenho carradas de razão. Oh! Eu não quero dizer que não goste de Margarida. Como podia eu suppôl-o, eu que tanto lhe quero?! Tolo que fosse, havia de impressiona-lo, quanto mais que não é este o seu maior defeito.

FERNANDO (ironicamente)

V. Ex.ª confunde-me.

CONDESSA

E mesmo tratando de si, do que lhe convem (porque eu não sou tão egoista como pareço), o Sr. Dr. Fernando de Cerqueira é novo, é instruido, é intelligente, tem uma bella situação, (isto admittindo a unica hypothese plausivel, ainda que não provavel). e quando pensar em constituir familia, não escolherá de certo uma mulher divorciada.

FERNANDO (com vehemencia)

E porque não, minha senhora? Uma mulher divorciada tem, alem de todos os direitos que cabem ás outras senhoras, mais um, pelo menos, que a impõe á nossa veneração:—Soffreu. luctou, emancipou-se! Foi um ser corajoso e digno. Não ha paiz liberal sem a lei do divorcio. E nada mais absurdo, mais anti-racional e deshumano, do que acorrentar uma á outra, por toda a vida, duas creaturas que se detestam; mas que a convenção social, esse monstro de hypocrisia, obriga a cohabitar deshonesta e deprimentemente!

Que outra não fosse a obra do Governo Provisorio, que outro titulo não tivesse o Sr. Dr. Affonso Costa ao reconhecimento dos seus concidadãos...

CONDESSA (*interrompendo-o*)

Eu tambem sou contra a indissolubilidade conjugal e sei que a lei do divorcio é, alem de moral, necessaria. Todavia, como a cirurgia, só deve intervir quando é preciso. Ora a unica accusação que Margarida póde, conscientemente, fazer ao marido, é ser muito menos intelligente, amavel e brilhante do que o senhor. Alem de que, prefiro, tanto quanto possivel, que o divorcio se não dê entre pessoas de minha familia. E o Sr. Dr. Cerqueira, sim, o senhor mesmo, sem o parecer, ou, por outra, sem o querer parecer, é instinctivamente da minha opinião. (*Gesto de Fernando*) Quer provas? O senhor fala muitas vezes em seus paes e no pitoresco e lindo canto de provincia onde nasceu, onde existe ainda o seu querido lar, e para onde, saudoso dos carinhos maternaes, ia, ainda o anno passado, de quando em quando, descançar, refazer-se das fadigas da tribuna, do fôro e da im-

prensa. Pensaram os seus paes alguma vez em divorciar? Não responde?! E sua irmã, essa formosa menina, casada com um medico de aldeia, de cuja primeira filha foi o mez passado ser padrinho e a quem poz, por signal, o nome de Margarida... (*intencionalmente*) que é na verdade um bonito nome, desejaria vel-a divorciada? Cala-se?! Ah! é que o senhor é muito principalmente um homem de bem, e tanto que vae dar-me a sua palavra que, na qualidade de amigo de collegio do Pedro, e ainda como jornalista, acompanhal-o-ha amanhã, até á fronteira, onde vae bater-se. Oh! Eu não pretendo que fique lá. Poderá voltar no dia immediato.

FERNANDO

Eu? Eu?! Pois quer?...

CONDESSA

Não quero cousa alguma. Peço-lh'o humildemente. O mais fica por minha conta.

FERNANDO (suffocado)

E Margarida?! Que dirá Margarida?! Julgará que a abandono. (*Deixa-se cahir n'uma cadeira e occulta o rosto entre as mãos*).

CONDESSA (ácerca-se d'elle, pondo-lhe a mão no hombro. Com commoção:)

Margarida, meu filho, saberá, dentro em poucos dias que lhe deu a maior prova d'amor de que é susceptivel um homem honrado, sacrificando-se para que ella não desça na sua propria estima... Eu mesma lh'o direi, á fé de fidalga. E creio que me conhece já o bastante para acreditar em como saberei honrar a minha palavra... (*Extende-lhe a mão, que elle leva respeitosamente aos labios*) Vamos! E' grande pela intelligencia:—Seja-o tambem pelo sacrificio! (*leva o lenço aos olhos*).

Scena XIII

(Os mesmos e Margarida)

MARGARIDA (fitando-os alternadamente)

Madrinha, estamos todos na sala de jantar, á sua espera, e o Conselheiro já olhou varias vezes para o mostrador do relogio. O João veio dizer-me agora, em particular, que o cosinheiro declarou não se responsabilisar pela temperatura do «consommé».

CONDESSA

Demoramo-nos um pouco a conversar,

minha filha, e o Sr. Dr. Cerqueira acaba de me participar que tambem faz amanhã jornada, acompanhando teu marido até Chaves.

MARGARIDA (perturbada)

O senhor?... Fernando?!

CONDESSA

Ora que admiração tão singular! E que ha nisso de extraordinario? Sim, o Sr. Dr. Fernando de Cerqueira, deputado republicano, aproveita o ensejo de publicamente manifestar ao teu marido a sua consideração, como militar irreprehensivel que é, digno da confiança com que vem de honra-lo o Governo da Republica. Não foram elles companheiros de collegio? Não são tão amigos? Não compartilhas acaso dos sentimentos do teu marido e dos meus para com o Sr. Dr. Cerqueira?

MARGARIDA (com frieza)

Certamente. Mas...

CONDESSA (tentando sorrir)

Não existem doenças contagiosas, que se manifestam de repente, atacando ao

mesmo tempo varios individuos? Pois a nós atacou-nos uma epidemia ambulatoria. Mas vamos para a meza, meus filhos. E é verdade que o Conselheiro não deve estar nada satisfeito com tanta demora! (*sae*).

Scena XIV

(Margarida e Fernando)

MARGARIDA (a meia voz)

Esta viagem ficará em projecto, não é verdade, Fernando? Eu não posso partir assim, sem te tornar a ver, sem te tornar a falar, sem que as tuas caricias, sem que os teus beijos, me vistam da coragem de que necessito para não morrer de saudades durante a longa ausencia que nos vae distanciar. (*Com paixão e pegando-lhe nas mãos)* Amanhã estarei livre. Livre! Ah! Nunca soubera comprehender até hoje toda a immensa significação d'esta palavra! Poder amar-te sem constrangimento! Ser, ao menos por algumas horas, unica e exclusivamente tua! (*Exaltando-se*) Amanhã... muito antes das duas horas, á hora que tu quizeres, rua Nova do Carmo...29...

FERNANDO (tristemente)

Não, Margarida; a minha viagem é um facto. E perdoa-me, pelo muito que te quero, o desgosto que te dou. Sirva-te de lenitivo a certeza de que nunca ninguem amou como eu te amo, de que nunca homem algum collocou tão alto a mulher amada... (*Apontando para um retrato de Pedro, vestindo grande uniforme e pendente da parede, solemnemente*) O Pedro vae bater-se pela Patria e pela Republica, e os ausentes são, como os mortos, sagrados!

CAE O PANO